

Entrevista com a Prof^a Dr^a Lucila Pesce

Ana Maria Di Grado Hessel

PUC-SP

Cara Lucila, nesta edição da Revista TECCOGS, escolhemos entrevistá-la, com enorme prazer, tendo em vista não só seu percurso e parceria junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) – nos anos em que esteve na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – mas também seus recentes avanços epistemológicos, frutos de profícua pesquisa.

Lucila Pesce¹ é doutora e mestre em Educação, pela PUC-SP, com pós-doutorado em Filosofia e História da Educação, pela

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); bacharel e licenciada em Letras, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação (linha de pesquisa - Políticas Educacionais e Formação de Educadores) e colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Gestão e Informática em Saúde (linha de pesquisa - Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na Saúde, no Ensino e em Telessaúde), ambos da UNIFESP. Líder do Grupo de

Pesquisa Linguagem, Educação e Cibercultura (LEC). Membro de três redes internacionais de pesquisa: Red Internacional de Grupos de Investigación en Educación y Tecnología (REGIET), da UPM, Collaborative Open Learning, The Open University (COLEARN), Red Internacional Ecología de los Saberes (RIES), da Universidad de Barcelona. Coordenadora regional do GT de Avaliação do Programa um Computador por Aluno (PROUCA), pelo estado de São Paulo. Regiões de inquérito: Formação de Educadores e Mídias Digitais; Linguagem, Educação e Mídias Digitais.

¹ lucila.pesce@unifesp.br, <http://sites.google.com/site/lucilapesce/>

1 - Antes de começarmos a entrevista, gostaríamos de saber, sinteticamente, sobre a sua trajetória profissional.

Como professora de línguas, desde 1985, interessei-me pelas TIC, como novas formas de linguagem. Em um primeiro momento, no início de década de 1990, pesquisei e elaborei softwares educativos e a linguagem de programação Logo, criada por Seymour Papert, matemático e discípulo de Jean Piaget.

Com o advento da Internet e a consolidação das características coautorais da Cibercultura, sobretudo a partir da Web 2.0, voltei meus interesses de pesquisa para o papel das interações on-line na constituição das identidades dos

sujeitos sociais da nossa era. Em consequência desse interesse, da segunda metade da década de 1990 à primeira metade da década de 2000, participei de diversos projetos de formação de educadores, com forte apoio das mídias digitais. Nos quais destaco: o *Projeto Contos*, voltado a alunos e professores da Educação Básica (*corpus* de análise no mestrado), o *PEC Formação Universitária*, para professores de rede pública da Educação Básica (*corpus* de análise no doutorado) e os projetos *PEC Formação Universitária* e *Ensino Médio em Rede*, voltado à formação continuada de professores do Ensino Médio (ambos se situam como *corpus* de análise no pós-doutorado).

Esse interesse de pesquisa conduziu-me a atuar no ensino superior, desde 1998, discutindo o papel das TIC na Educação e na formação de educadores. Nessa trajetória, merecem destaque os seis anos em que integrei o corpo docente do curso de Tecnologia e Mídias Digitais da PUC-SP (de 2004 a 2010) e os três anos em que atuei no TIDD da PUC-SP (de 2007 a 2010). Em março de 2010, assumi o cargo de professora da UNIFESP, onde integro a equipe docente do Departamento de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação e lidero o Grupo de Pesquisa Linguagem, Educação e Cibercultura (LEC).

“Cada vez mais o Estado brasileiro vem assumindo formas de relacionamento com a população, por intermédio das mídias digitais”.

2 - Como você percebe o papel da Cibercultura nas práticas sociais contemporâneas?

Em meu entendimento, as “linguagens líquidas”² da Cibercultura vêm ganhando espaço cada vez maior nas práticas sociais contemporâneas. Hoje em dia, não podemos imaginar o exercício

pleno da cidadania, apartado de certa fluência tecnológica. Mesmo os segmentos sociais que não têm condições materiais de aquisição de computadores e acesso à Internet, buscam nos

telecentros governamentais e nas *lanhouses*, modos de se inserir nas práticas sociais mediatizadas pelos aparatos tecnológicos.

Cada vez mais o Estado brasileiro vem assumindo formas de relacionamento com a população, por intermédio das mídias digitais. Tomemos dois exemplos. O crescimento de envio da declaração do imposto de renda, por meio da Internet tem sido exponencial. Outro exemplo é uma pessoa que queira participar do programa popular “Minha Casa Minha Vida”. Ainda que não seja digitalmente letrada, ela terá que se cadastrar no Programa, por meio do seu site.

Outra questão que vem ganhando força nas práticas sociais contemporâneas são as redes sociais, como o *Facebook* e o *LinkedIn*,

este último voltado a relações de trabalho. Por meio das redes sociais, os seres humanos divertem-se, conhecem-se (o que, no caso de indivíduos de distintas culturas, implica a ampliação da perspectiva de alteridade) e se organizam em nichos de resistência, como nos ensina Habermas. No texto intitulado *O caos da esfera pública*³, o filósofo, ao discutir o papel do intelectual nas sociedades contemporâneas, sinaliza a forma como este sujeito social tem se relacionado com as TIC. Ao fazê-lo, percebe as condições inerentes a tal instrumento. Por um lado, a ampliação da esfera pública midiática, a condensação das redes de comunicação e o aumento do igualitarismo. Por outro, a descentralização dos aces-

² SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

³ HABERMAS, Jürgen. *O caos da esfera pública*. Caderno Mais. Jornal Folha de São Paulo. 13 ago. 2006.

cos à informação e a fragmentação dos nexos de comunicação. É por isso que pudemos assistir a movimentos populares como a “Primavera Árabe” e, no Brasil, a “Ficha Limpa”. Nestes dois movimentos, os sujeitos sociais buscaram formas de realizar um enfrentamento esclarecido aos desafios que se lhes apresentavam. Por essa razão, estes exemplos são emblemáticos de como as atuais organizações societárias vêm encontrando modos de exercício pleno da cidadania por intermédio das mídias digitais.

Entretanto, apesar de as práticas sociais contemporâneas a cada dia virem se erigindo de modo mais intenso, em meio à utilização das mídias digitais, nem tudo o que é veiculado na Cibercultura é valor a ser agregado na constituição dos

sujeitos sociais e das organizações societárias. Há muita mensagem de pedofilia, de preconceito religioso, de credo, de relações étnico-raciais, só para citar alguns exemplos.

A Cibercultura vem modificando o *modus operandi* das sociedades contemporâneas. Graças a ela somos capazes de experimentar novas relações com o tempo e com o espaço. Essas novas relações redimensionam o que tradicionalmente conhecemos e ampliam as possibilidades de formação dos sujeitos sociais contemporâneos e do exercício da cidadania, como já mencionado. Mas, ao mesmo tempo, essas novas relações com o tempo e o espaço também podem vir a nos tyrannizar, em face do frenesi com que a sociedade atual tem se organizado. E este frenesi

em grande parte é suportado pelos dispositivos e interfaces digitais. Como todo e qualquer aparato apropriado pelo capital, a Cibercultura compõe as práticas sociais contemporâneas, ao mesmo tempo em que é composta por elas. Essa relação interatuante contempla, a um só tempo, promissoras possibilidades de efetivação do esclarecimento e da emancipação dos seres humanos, e as indesejáveis erguidas em meio à coisificação do homem. Tudo depende do enfoque auferido à utilização de tais recursos.

Nesse cenário sócio-técnico, a Educação deve ocupar um papel protagonista. Pois, como uma das práticas sociais constituintes da formação do *ethos* societário, ela também deve se valer de modo cada

vez mais profícuo das mídias digitais. E esse movimento certamente implica a utilização crítica e consciente de tais meios.

3 - Em sua opinião, quais são as principais contribuições da Cibercultura para a formação de educadores?

É sempre prudente olhar para um dado fenômeno social, dando a devida atenção às contradições que lhe são inerentes.

A formação de educadores consubstancia-se como uma das ações fulcrais dos rumos educacionais de toda e qualquer nação. A sua relevância, auferida pelas políticas públicas, é reveladora do projeto de desenvolvimento de uma nação.

A partir de apontamentos em pesquisa anterior⁴, sintetizamos nossa reflexão sobre a contribuição da Cibercultura para a formação de educadores, sinalizando os seguintes temas:

- A Cibercultura vislumbra outra lógica para a Educação, que não a instrumental, pragmática e prescritiva.
- A Cibercultura possibilita a ampliação da perspectiva de alteridade, ao promover vínculos entre sujeitos sociais de distintas culturas, que vivem

circunstâncias sócio-históricas semelhantes. Tal condição é profícuo ao enfrentamento esclarecido dos desafios que se lhes apresentam no cotidiano.

- As redes sociais da Cibercultura consubstanciam-se como elemento relevante para se subverter o *status quo*.
- A Cibercultura oferece a possibilidade de se trabalhar com diferentes dimensões da linguagem. Nesse sentido, destacamos o impacto desse trabalho hipermidiático no “perfil cognitivo do leitor imersivo”⁵ e a contribuição da simulação aos processos cognitivos⁶.

⁴ PESCE, Lucila. La contribución de la Cibercultura a la educación en línea. Revista GPT - Gestión de las personal y tecnología, 12a. ed. nov. 2011, pp. 70-76. Disponível em: <<http://www.hacienda.go.cr/cifh/sidovih/uploads/archivos/Articulo/La%20contribuci%C3%B3n%20de%20la%20cibercultura%20a%20la%20educaci%C3%B3n%20en%20l%C3%ADnea-2011.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

⁵ SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

⁶ LÉVY, Pierre. Cyberculture. Paris: Odile Jacob, 1997.

- O registro das interações nos dispositivos e interfaces da Cibercultura traz uma importante contribuição para a metarreflexão do licenciando ou do professor em formação continuada.
- As características coautorais da Cibercultura oportunizam a vivência plena de uma formação de caráter dialogal, que extrapole os tempos e os espaços da sala de aula presencial.

Apesar de todas essas possibilidades da Cibercultura, além da condição técnica, é preciso vontade política para se imprimir uma racionalidade dialógica, com vistas a auferir um avanço significativo à formação de educadores na contemporaneidade.

No Brasil, a formação de professores tem sofrido fundamentadas críticas, no tocante à racionalidade instrumental que ancora muitos programas desenvolvidos com forte apoio das mídias digitais. Não pelos dispositivos digitais, em si, mas pela tendência acentuada em aligeirar os processos de formação, em função do acento dado à economia de custos.

Como podemos observar a contribuição da Cibercultura para a formação de educadores pode contemplar a democratização do acesso ao conhecimento socialmente legitimado. Porém, também pode contribuir com a consolidação da pseudoformação, como há muito aponta a Teoria Crítica⁷.

⁷ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução G. A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Os dispositivos e interfaces da Cibercultura, quando utilizados de modo consciente, podem potencializar os processos de formação docente, por exemplo, por meio do uso contextualizado da simulação, da realidade ampliada, dos Recursos Educacionais Abertos, além dos tradicionais espaços de interação, como fóruns, chats e listas de discussão, dentro ou fora dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Todavia, o uso inconsciente e/ou aético dos dispositivos e interfaces da Cibercultura também pode contribuir com a consolidação de programas de formação docente aligeirados, pasteurizados, massificados, autoinstrucionais ou, ainda, com uma pseudointeração entre formadores e licenciandos ou professores em formação continuada. Mais uma vez, o que importa é o

projeto de formação de uma dada política educacional.

4 - Que perspectivas você vislumbra, no tocante à temática abordada?

Dentre as muitas perspectivas que se acenam para os processos de constituição das identidades dos sujeitos sociais contemporâneos e para a formação de educadores – como a simulação e a realidade ampliada, dentre outras – gostaria de chamar à atenção para o potencial da Educação Aberta, de modo geral, e dos Recursos Educacionais Abertos (REA), em particular, para a democratização do conhecimento e consequente consolidação de uma Scolés em fronteiras temporais, geográficas ou culturais.

A expressão Recursos Educacionais Abertos (REA) – Open Edu-

cational Resources (OER) – surge em 2002, na United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), em menção a materiais educacionais e de pesquisa disponíveis, tecnologias e recursos oferecidos aberta e livremente, em vários formatos e mídias, com licença para remixagem, aprimoramento e redistribuição.

Os REA surgem de um contexto sócio-histórico mais amplo: o movimento em prol da Educação Aberta, voltada à democratização do acesso à Educação.

Uma das grandes referências do movimento em prol da Educação Aberta é a The Open University: universidade do Reino Unido, que, desde 1969, oferece cursos er- guidos em meio à flexibilidade na admissão do aluno e à condução do curso por módulos. No Brasil,

a Universidade Aberta do Brasil (UAB) desde 2005, busca promover o acesso gratuito à Educação formal, por meio da rede pública federal de educação.

No que diz respeito às políticas públicas para REA, Rossini e Gonzalez⁸ destacam uma série de normativas legais que vão ao encontro do movimento mundial em prol dos REA. Ao fazê-lo, as pesquisadoras pontuam os seguintes marcos: a) o Plano Nacional de Educação (Projeto de lei 8035/2010), que salienta os REA como meta 7

⁸ ROSSINI, Carolina; GONZALEZ, Cristiana. REA: o debate em política pública e as oportunidades para o mercado. In: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson. (Org.). Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012. p. 35-69. Disponível em: <<http://issuu.com/lucaspretti/docs/livrorea>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

do Plano Nacional de Educação, e o Projeto de lei federal 1513/2011; b) os artigos 3º, 4º e 5º, referentes aos REA oriundos de compras com recursos públicos, cujos direitos intelectuais tenham sido cedidos à administração pública; c) a preferência a padrões técnicos livres (softwares livres); d) o incentivo à criação de repositórios federados para depósito e publicação de REA.

Como podemos observar, o movimento em prol da Educação Aberta e o consequente crescimento dos REA têm se situado como perspectivas promissoras à Educação, em geral, e à formação de educadores, em especial. Entretanto, para que de fato o seja, os REA devem estar para além da gratuidade de conteúdos produzidos nos grandes

centros, como lembra Pretto⁹. É com ele que deslindamos um importante desafio atinente aos REA: a produção por pares e remixagem, com vistas ao compartilhamento de busca de soluções aos problemas que se lhes interpõem. Em outros termos, os REA se consubstanciam como perspectiva promissora ao recrudescimento da formação de educadores, desde que atentemos para os desafios ora elencados e estejamos atentos a outros que estejam por vir. ■

⁹ PRETTO, Nelson. Professores autores em rede. In: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson. (Org.). Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012. p. 91-108. Disponível em: <<http://issuu.com/lucaspretti/docs/livrorea>>. Acesso em: 5 jul. 2013.